

>> ponto a ponto **MARCELO SALOMON**

Economista-chefe do Braclays para a América Latina prevê que a deterioração dos indicadores econômicos, como o crescimento fraco e a inflação persistente, levará agências de classificação de risco a rebaixar o país na lista das nações consideradas mais seguras para o capital.

» DECO BANCILLON

Do seu escritório em Nova York, nos Estados Unidos, o brasileiro Marcelo Salomon acompanha com lupa as notícias que surgem do Brasil, mais especialmente as que vêm de Brasília, onde a presidente Dilma Rousseff e sua equipe econômica dão expediente.

Desde que assumiu, há quatro anos, o posto de economista-chefe para a América Latina do banco inglês Barclays, Salomon tem sido responsável por algumas das análises econômicas que tiram o sono de técnicos do governo. Uma delas, publicada em janeiro deste ano, mostrou que o intervencionismo do Ministério da Fazenda e do Banco Central na cotação do dólar

custou ao país nada menos que dois pontos percentuais do Produto Interno Bruto (PIB) em 2012. "Então, se o Brasil cresceu 0,9% no ano passado, na verdade, ele cresceria 2,9%", diz o PhD em economia pela Columbia University.

A experiência de mais de 15 anos de trabalho, acumulada em passagens por instituições de renome, como o banco

norte-americano Merrill Lynch, o alemão Deutsche Bank, o holandês ING e o brasileiro Unibanco, fez Salomon entender bem a máxima de que o mercado não leva desaforo para casa. É por isso que ele é enfático em cravar que o excesso de intervencionismo do governo e a piora nos fundamentos econômicos do país levarão o Brasil a perder, já em 2014, o tão

comemorado grau de investimento pelas agências de classificação de risco. "Acreditamos que, já no começo do ano que vem, o Brasil será rebaixado, não por conta dessas medidas intervencionistas, mas por conta da deterioração dos índices econômicos", aponta. Abaixo, confira os principais trechos da entrevista concedida pelo economista ao Correio Braziliense.

Brasil deve perder o grau de investimento

Choque de credibilidade

O Brasil necessita de um choque de credibilidade e quem tem de fazer isso é o governo. O que precisa estar claro é que o setor público não pode continuar a se expandir nos próximos dois ou três anos, é o setor privado quem tem que crescer. Agora, para isso, a equipe econômica tem de estimular os investimentos.

Turbulência

Todos os mercados emergentes sofreram, nos últimos 45 dias, um choque global que deslocou as curvas de juros para cima. Nesse sentido, a eliminação do IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) sobre aplicações estrangeiras em títulos públicos, feita pelo governo, veio em boa hora. O fim dessa barreira criou mais vantagens para o investidor que deseja aportar recursos em papéis da dívida brasileira. Agora, o problema da falta de atratividade desses papéis não se resumia apenas ao IOF. O excesso de medidas intervencionistas na economia gerou incertezas. Isso afetou o investidor.

Intervencionismo

Ao longo de 2012, o governo anunciou 42 medidas que afetaram a cotação do dólar. Esse intervencionismo retirou dois pontos percentuais do PIB no ano passado. O Brasil poderia ter crescido 2,9%, em vez de 0,9%. Além disso, pesaram também as maquiagens contábeis do Tesouro Nacional. Toda a incerteza que foi criada nesse mar de alterações nas contas públicas fez com que o investidor ficasse com os dois pés atrás quando se tratava de Brasil. A consequência foi a queda do investimento. Em 2012, todos os países da América Latina aumentaram o investimento, menos o Brasil.

Falta clareza

Essas medidas do Tesouro e as demais decisões da Fazenda, sobretudo em relação ao dólar, colaboraram para reduzir a clareza

do governo. As mudanças de regras que ocorreram no meio do caminho só ajudaram a trazer mais insegurança para o Brasil. Ninguém sabe ao certo qual o próximo passo a ser dado pelo Palácio do Planalto na condução da economia. Uma pergunta que eu ouço sempre, aqui em Nova York, é o que aconteceria caso o dólar voltasse hoje para R\$ 2. O Mantega (ministro da Fazenda) colocaria de novo o IOF? Ninguém sabe.

Percepção da realidade

Eu espero que a ficha do governo esteja começando a cair. É importante que o Executivo tenha uma postura mais objetiva em relação à conjuntura econômica. Isso poderia sinalizar o início de uma retomada. É importante esse processo de percepção da realidade. Existe uma urgência grande de que o governo faça uma interpretação correta da situação econômica.

Sinalização

A gente precisa que o governo seja mais claro na sinalização da política econômica. Tem alguma coisa errada com a política anticíclica como promotora de crescimento, porque esse objetivo, de melhorar a atividade, não aconteceu. Não estou dizendo que o governo tenha de ser ortodoxo, mas que pelo menos seja mais claro.

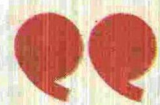
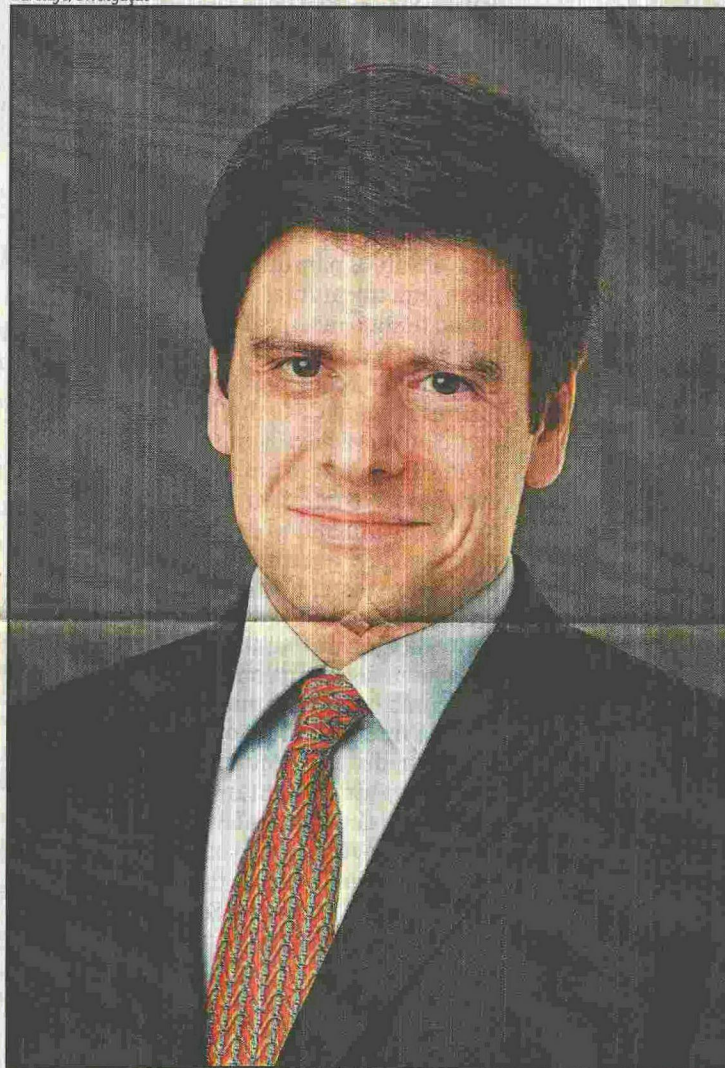
Rebaixamento

Acreditamos que, já no começo do ano que vem, o Brasil será rebaixado pelas agências de classificação de risco. Essa queda ocorrerá não por conta dessas medidas intervencionistas, mas devido à piora dos indicadores econômicos. Hoje, há uma combinação perversa entre crescimento baixo, deterioração fiscal, piora da relação dívida/PIB e capacidade reduzida de investimento.

Investimento

É preciso trabalhar a eficiência do investimento. O governo tem

Barclays/Divulgação



Eu espero que a ficha do governo esteja começando a cair. É importante que o Executivo tenha uma postura mais objetiva em relação à conjuntura econômica"

que parar de ser tão intervencionista e querer regular tudo. Tem muito ruído na sinalização das políticas. A situação no Brasil, hoje, está mais complexa porque há manifestações nas ruas que demandam mais ética, mais eficiência no gasto público e a situação se tornou crítica porque a reversão desse quadro de baixo crescimento não é trivial. Quanto mais tempo o governo levar para reverter esse

cenário, mais demorará para os investimentos ocorrerem.

Leilões de concessões

Existe interesse dos investidores, mas o risco regulatório aumentou. Se você é um investidor interessado em participar das concessões de obras públicas, vai querer um retorno maior para fazer frente a essa incerteza. O campo de petróleo de

Libra é a joia do governo, é o que ele tem de melhor do pré-sal. A pergunta que se faz é: será que a Petrobras tem mesmo que participar com 30%? Precisa disso tudo? Tem muitas incertezas, mas é um grande desafio. Esse leilão vai ser um grande balizador das expectativas.

Reação popular

A erosão da renda real é uma rachadura no legado do PT. O Brasil é o país do futebol, e os estrangeiros estavam perplexos com os protestos em frente aos novos estádios. Mas as manifestações até que demoraram muito a acontecer. O brasileiro quer que o Estado tenha padrão FIFA, e já está percebendo que a desconexão entre o que o governo entrega em serviço público e o que a sociedade tem demandado é enorme. Há uma ineficiência muito grande, um descasamento entre promessas do governo e o que ele realmente entrega.

Inflação

A alta de 0,07% do IPCA-15 (Índice de Preços ao Consumidor Amplo-15 e prévia da inflação oficial) de julho veio mais ou menos em linha com o que a gente imaginava. Esperávamos uma deflação de alimentos e também de transportes por conta da revogação das tarifas de ônibus e metrô. Acontece que a queda de preços nos dois segmentos veio bem forte, por isso é possível ocorrer, em julho (no IPCA fechado do mês), uma deflação. Agora, tem que ver quanto tempo esse recuo do preço de alimentos dura. Julho e agosto serão meses de inflação baixa, mas depois a carestia volta. A nossa projeção é 5,9% de IPCA para o ano.

Ameaça ao crescimento

O governo já sentiu o custo da inflação nesse primeiro trimestre de 2013. O consumo veio fraco, porque a renda real começou a cair. E isso deu o aval para que o Banco Central passasse a praticar uma política monetária mais restritiva.

Agora, o quanto o BC está disposto a levar a inflação para baixo vai depender do quanto o governo está disposto a sacrificar de crescimento. A gente projeta que o BC buscará um IPCA de 5,5% em 2014. Para isso, ele terá de elevar os juros a 9,25% ao ano ainda em 2013 e manter esse patamar ao longo de 2014.

Retomada

Ainda não dá para falar em retomada da economia em 2013. A nossa projeção para o PIB, neste ano, é de uma alta de 2,3%, e, ano que vem, de 2,7%. Mas a perspectiva é de revisar isso para baixo, porque existe a possibilidade de que o nosso cenário esteja muito otimista.

Produção

A indústria nos surpreendeu em junho (aumento de 1,9% na produção frente a maio), veio com resultados acima do que imaginávamos. Ainda assim, não acredito que há uma nova tendência de forte aceleração de crescimento. A melhora nos indicadores do setor foram sazonais, mas o número traz uma tendência mais positiva para o desempenho do 2º e 3º trimestres. Esses resultados também diminuem o risco de contração do PIB entre julho e setembro.

Política fiscal

A política fiscal continua expansionista. Enquanto o BC está tentando segurar a inflação, o governo continua gastando. Por isso, mantemos nossa previsão de que o superávit primário (economia para pagar os juros da dívida) será de apenas 1,4% do PIB neste ano. Não tem como atingir a meta de 2,3% como se tem prometido. Até mesmo porque a arrecadação continua minguando, o que é uma dificuldade a mais para a missão da equipe econômica de efetuar os cortes no Orçamento. Esse problema, porém, é apenas um entre vários. As decisões serão cada vez mais difíceis daqui para frente.